

PEDRO GABRIEL

O PROFETA E O ANTICRISTO



Prólogo

Um choro solitário de criança recém-nascida protestava contra a frieza do mundo em redor... e a frieza do mundo não a deixava ser ouvida por ninguém.

As doze badaladas da torre do mosteiro despertariam dois gigantes. Trovejando de mau humor, tanto o Inverno como a Noite se predispuseram a disputar o Firmamento. O Inverno, com o seu exército nebuloso, trespassando tudo com espadas de vento cortantes. A Noite, com uma armada de naus de breu, insufladas por velas de puras trevas. E os brados de tão titânicas legiões pelejando relampejavam, fazendo estremecer as colinas, as árvores, as casas e todas as coisas que eram demasiado grandes para se poderem esconder.

No meio de tudo isto, apenas uma pequena e humilde estrelinha ousava espreitar timidamente por detrás de um cúmulo-nimbo. Corajosa, apenas ela dava sinais de alguma esperança. Pois que havia algo luminoso lá em cima, ainda mais elevado que aqueles outros poderes negros e tenebrosos, tão elevado que era imune a eles. E o esplendor desta estrela, tão ténue e sublime, desafiava os perigos da Noite e do Inverno, para poder cumprir a sua missão. Havia uma cena que devia ser iluminada. Uma cena que devia ser iluminada a todo o custo,

para ser vista pelos olhos dos mortais. Mas os seus esforços eram vãos, pois os olhos mortais estavam todos refugiados na segurança dos seus abrigos. Até as irmãs no mosteiro...

As irmãs encontravam-se reunidas na capela. Procuravam silenciar as ameaças dos trovões com a beleza dos seus cânticos gregorianos. Abafavam os uivos do vento com os sussurros das orações. Aqueciam os seus membros enregelados com as velas que acendiam com devoção. Aquelas paredes eram mais do que um santuário. Eram o reflexo terreno daquela estrela, desafiando os poderes tempestuosos que varriam a superfície do planeta.

Junto ao Sacrário, uma das freiras destacava-se das demais. Ajoelhava-se na primeira fila, o mais próximo possível do altar. Tomava a dianteira, como se conduzisse todas as outras numa expedição. E, como se já houvera sofrido muitos acidentes em tal expedição, trazia faixas na testa e nas mãos e nos pés. A sua face era vetusta como deve ser o rosto de alguém carregado de experiência... mas, paradoxalmente, havia no seu semblante uma jovialidade de Vénus renascentista. Não admira, pois, que tal mistura lhe valesse o título de Madre Superiora daquele convento.

O que foi de admirar (isso sim!), foi ver tão venerável figura a acordar daquela serena letargia. E não só acordar. Mas erguer-se de rompante, violentamente, dir-se-ia até atabalhoadamente. E antes que as outras irmãs tivessem a oportunidade sequer de abrir a boca de espanto, já a Madre se precipitara pela nave da capela:

– Rápido, minhas filhas! Não temos tempo a perder!

Neste momento, as irmãs já haviam tido tempo para abrir a boca de espanto, mas ainda não para compreender o que se passara. Os pés delas eram demasiado lentos... apenas as línguas delas possuíam a rapidez suficiente para acompanhar os passos rápidos da Madre. Soltavam monossílabos exclamativos e balbucios interrogativos como “*Quê?*” e entretanto já o hábito azul da Madre se apartara porta fora e corredores adentro. Ouviu-se o eco da Madre, repetindo uma vez mais:

– Depressa, minhas filhas! Que esperais?

Só então elas se levantaram (ainda atónitas, é certo!) e seguiram pelo mesmo caminho, procurando a todo o custo discernir na distância a brancura do escapulário que coroava a cabeça da Madre Superiora.

Percorreram todo o labirinto granítico do mosteiro até alcançarem a pesada porta de madeira, que o frágil corpo da senhora procurava a todo o custo erguer. Seria de esperar que as outras freiras, diante de tal espectáculo, se precipitassem em seu auxílio... Mas elas estavam demasiado confusas para entenderem a importância da acção da Madre Superiora:

– Que fazeis?!

– Porque ides abrir a porta a estas horas?

– A estas horas, só vagueiam feras e criminosos lá fora!

– Não escutais o vento? Está uma tempestade prestes a abater-se!

Mas a Madre parecia surda a todos os argumentos. Naquele momento, todo o palavreado que enxameava em seu redor lhe era completamente indiferente. Apenas uma coisa importava. Cumprir a missão que lhe fora atribuída, sabe-se lá por quem. Nesse objectivo, ela bebia as forças que faltavam ao seu fraco corpo. E assim, pouco a pouco, centímetro a centímetro, a macicez daquela porta foi cedendo. Os gonzos de ferro gemeram, forçados pelos gemidos da própria Madre. E lá fora, o lenho da porta estava tão polvilhado de gotas de chuva, como a testa da freira de transpiração. Até que, num instante rápido e libertador, a abertura se escancarou, deixando a Madre exaurida de joelhos na soleira.

Foi então que as outras irmãs compreenderam. Os olhos delas abriram-se juntamente com a porta. E os ouvidos abriram-se a um som... um som que elas agora percebiam que sempre tinham escutado, mas que era demasiado ténue para lhes alcançar as consciências. Era o som do choro de uma criança recém-nascida. Havia sido abandonada ali, aconchegada por um pano de linho no interior de uma cesta de junco. Na sua posse, apenas dois objectos. Sobre a cesta, um pequeno bilhete,

rabiscado com uma letra delicada e obviamente feminina, já desbotado por umas quantas gotas que lhe caíram em cima (se tinha sido chuva ou lágrimas, não se distinguia muito bem). Lá escrito, lia-se: “*Este é o filho do Pecado. Por favor, cuidem dele.*”. O segundo objecto, um pouco mais distante, era uma espada... uma espada esbelta, de lâmina fina e recta, claramente de linhagem nobre e antiga.

Os suspiros da Madre Superiora foram-se tornando menos e menos exaustos e mais e mais perceptíveis, despertando as irmãs da sua estupefacção:

– Tragam... tragam... essa criança... para dentro do mosteiro...

Elas obedeceram, encerrando as portas atrás de si. O bebé era adorável e rechonchudo, capaz de despertar ternura no coração mais empedernido. Mas aquilo que prendia mais eram os seus olhos, semicerrados por não haver ainda pálpebras suficientemente experientes que os cobrissem, reluzentes de uma cor negra, tão negra que era inédita. Sem dúvida, era um ser encantador, sedutor, magnético, hipnotizador. Perante visão tão angelical, todos aqueles ventres virginais engravidaram de um profundo amor maternal, desde a mais vetusta anciã até à mais jovem noviça. Disse uma delas:

– Temos de encontrar a mãe dele!

– De nada servirá. Ela abandonou-o!

– Que espécie de mulher abandona uma criatura destas?!

– O que vamos fazer? O que devemos fazer?

– Oiçam, minhas filhas... – os murmúrios cansados da Madre Superiora silenciaram todas as restantes. Mas não foram somente os seus rogos a calar as demais. É que as ligaduras nas mãos, pés e cabeça da Madre estavam escorrendo sangue. E mais aterrorizante ainda era a mancha sanguínea que consumia a beleza celeste do azul do seu hábito, como um fogo que devorasse o próprio Firmamento. As irmãs já haviam visto, em raras ocasiões, a Madre a sangrar pelas outras chagas... mas nunca pela ferida do seu lado esquerdo (cuja existência elas próprias desconheciam). Era sinal divino que as palavras

que ela ia proferir em seguida seriam para levar muito a sério:

– Oiçam... minhas filhas... devemos receber esta criança na nossa casa, como uma bênção... Ele será um grande profeta... um grande profeta... Ele falará diante dos reis e poderosos da Terra... Falará de Amor e de Perdão, mas não o escutarão... Pobre, oh pobre...

As palavras da Madre Superiora foram afogadas por uma dor insuportável. As outras irmãs ajudaram-na a erguer-se e a encaminhar-se para o leito. Elas encarregar-se-iam do bebé a partir daí.

– Como vamos chamar-lhe?

– Hum... que me dizem de “*Arsène*”?

– É um nome bonito... mas, e o nome do seu sangue?

– Pobre criança... nem apelido teus pais te deixaram...

– Podemos ser nós a dar-lhe um... um nome cristão.

– Então, fica decidido. Doravante, ele chamar-se-á *Arsène Delacroix*!

I

Naqueles dias, Arsène viu-se no cimo de uma grande montanha, tão alta que o horizonte o cercava em todas as direcções. Dali, todo o Mundo se espriava diante dos seus pés, como se de uma pequena planície se tratasse. Ele viu também uma grande multidão diante de si, tão numerosa como as estrelas do Céu ou as areias de um deserto. E ele viu que, nessa multidão, alguns eram ricos e muitos eram pobres.

O jovem profeta viu também isto: os pobres transformaram-se num infinito rebanho de ovelhas, enquanto os ricos se metamorfosearam em matilhas de lobos e alcateias de leões e outros animais carnívoros. Depois, as feras começaram a atacar e a devorar as ovelhas, semeando os seus cadáveres pela terra e dando ao solo a beber do seu sangue. E a carnificina não cessou durante quatrocentos e noventa dias.

A cada dia, a ira no coração de Arsène foi-se avolumando mais e mais, até que ele se viu consumido por uma chama inextinguível. Ele sacou da sua espada (aquela que o acompanhara desde a sua infância). Desembainhou-a. Elevou-se no ar, como se fosse impelido por asas. Precipitou-se no furor da batalha. E nenhuma das goelas que provara sangue de cordeiro inocente ficou intacta, alheia ao castigo que lhe era devido. Um a um,

todos sucumbiram aos golpes certos da espada de Arsène.

Enquanto desferia a morte nas feras, o jovem ia profetizando palavras inflamadas. E essas palavras eram um fogo vivo que ia à sua frente e que consumia todos os malfeitores. Os rebanhos fugiram do fogo e da espada, refugiando-se nas terras altas. Mas para os leões, os lobos e todas as outras feras, não havia fuga possível. E houve um terrível incêndio que engoliu toda a Terra, como nunca houve até àqueles dias. E esse fogo purificou o Mundo durante sete dias.

E Arsène viu o incêndio e viu que ele destruíra todos os leões e todos os lobos e todas as feras e ele viu que era bom. Mas então ele olhou e viu uma outra figura alada. Tinha a aparência de um filho do Homem e vinha armada com uma espada, voando como que impelido por asas. Mas esta criatura alada era negra como as trevas. Era tão negra que Arsène não lhe vislumbrou o rosto. Ela ria com uma loucura demoníaca. E Arsène ouviu uma voz vinda do Alto que lhe dizia:

– Este é o Anticristo, que tu, meu profeta, deverás derrotar!

Perante estas palavras, Arsène empunhou decisivamente a sua espada e lançou-se a fazer guerra com a criatura alada que era negra como as trevas. E a criatura alada saiu-lhe a fazer guerra. E houve então grande peleja, que abalou as fundações da Terra. As espadas brandiam e entrechocavam-se, lançando relâmpagos e terremotos pela superfície do planeta.

Mas, a dada altura, o Anticristo pegou no fogo do incêndio. Depois, agarrou as asas de Arsène e atou-as com o fogo do incêndio. Então, o jovem profeta foi precipitado no fogo. E ele viu as feras no meio do incêndio, contorcendo-se de dor e de raiva. Vendo-o, as feras lançaram-se sobre ele e devoraram-lhe a carne. Enquanto morria, ele clamava:

– Meu Deus, meu Deus... porque me abandonaste?

Nesse preciso momento, Arsène acordou do seu sono. Tremendo. Transpirando. Murmurando ainda aquelas palavras que ecoavam na sua mente: “*Meu Deus, meu Deus... porque me abandonaste?*”

A porta do quarto entreabriu-se, com um gemido enfer-

rujado:

– Estais bem, *monsieur*?

– Oh, Preudhomme... Não, não te preocupes... Foi o costume...

– Uma visão, *monsieur*?

– Um pesadelo, Preudhomme... um pesadelo...

– Quereis que vos prepare um chá de tília?

– Não, não será necessário. Já começo a ficar melhor. Vou tomar o meu remédio...

– Tendes a certeza, senhor? Talvez fosse melhor...

– Já te disse para não te preocupares! Agora vai, vai descansar.

– Como queirais, *monsieur*...

Enquanto o criado se retirava tão discretamente como surgira, Arsène arrastou-se através da escuridão da noite até à sala. Acendeu o seu candeeiro de leitura, mantendo todo o resto do compartimento mal iluminado. Depois da luz ofuscante daquele fogo subconsciente, sabia-lhe bem aos olhos um pouco de penumbra. Tacteu o interior de um pequeno armário ali ao pé. Com as mãos ainda trémulas, retirou uma embalagem de ansiolíticos. Os comprimidos chocalhavam com a trepidação das mãos dele, acabando por pinchar às meias dúzias desde o interior do frasquinho para as palmas da sua mão esquerda. Depois, ele esticou-se para uma garrafa de brandy, que despejou num copo até quase transbordar. Finalmente, inundou a boca com a bebida, afogou os comprimidos lá dentro e, de uma só vez, drenou tudo pela garganta abaixo.

Só então ele começou a sentir-se mais desperto. Os fantasmas de visões passadas exorcizaram-se lentamente, por acção e graça dos fumos do álcool que se iam evaporando docemente até ao seu cérebro. Arsène deu mais uns passos em direcção à estante. Retirou de lá de dentro uma antologia poética de Fernando Pessoa e folheou rapidamente até aos poemas de Alberto Caeiro. Afundou-se numa poltrona, enquanto saboreava a agradável sabedoria do poeta. As coisas eram o que eram. Nada mais significavam. E os sonhos ainda menos, que

os sonhos nem sequer coisas eram.

O relógio de parede palpitou melancolicamente quatro badaladas. A noite ainda ia alta e o sono ainda estava longínquo. O dedo entorpecido de Arsène traiu-o, escorregando para um poema de Álvaro de Campos. E as badaladas daquele relógio começaram a significar mais do que aquilo que eram. Nomeadamente, começaram a ressoar na mente anestesiada de Arsène, trazendo-lhe à memória sons de uma outra época. Recordava-se agora das badaladas do sino, aquele sino que ele tocara outrora, no convento das Irmãs da Charité du Sacré Cœur.

Nas suas memórias, uma pequena criança baloiçava-se na corda que ligava os seus gestos enérgicos aos sinos. Os baques metálicos ressoavam por todo o mosteiro, reverberando até à aldeia vizinha de Champs-Élysées. Pareciam até vibrar até aos confins do Mundo para despertar o próprio Sol. Assim é o Mundo para uma criança: pequeno na medida em que o coração dela é tão grande para bater os sinos tão fortemente.

Quando o pequeno Arsène se fartou daquela brincadeira (como é costume nos meninos irrequietos), lançou-se a correr pelos corredores do convento, onde as badaladas ainda ecoavam. Ribombando de rompante na camarata das freiras, berrou a plenos pulmões:

– Irmãs! Acordem! Está na hora das Laudes! Acordem, irmãs!

À medida que ele passava pelas camas, as irmãs iam-se contorcendo como os prisioneiros de uma masmorra diante da luz ofuscante da Liberdade. Pois que elas todas ainda estavam cativas do Sono. E o torpor ainda lhes algemava os membros e as pálpebras e os pensamentos. Mas Arsène, como boa criança que era, conhecedora das suas funções, já iniciara o processo irreversível de resgate de tal opressão.

– O que se passa?

– Ainda é muito cedo!

– Ora, é só o Arsène...

– Só podia.

Porém, ele não escutava os queixumes das irmãs, tal como

nenhum catraio alguma vez escutou queixumes de qualquer adulto. Com passinhos minúsculos, alcançou o leito da Madre Superiora e esgueirou-se para debaixo dos cobertores, percorrendo-os desde os pés até à cabeceira. A cabeça saltou-lhe de lá debaixo, como uma pipoca alegre, mesmo em frente da face da senhora. A Madre limitou-se a semiabrir os olhos, ao que se seguiu um semiabrir de um sorriso:

– *Bonjour*, Arsène.

– *Bonjour*, Madre! Está na hora das Laudes!

– Eu sei, querido, eu sei... Porque não vais andando e começas a rezar? Nós já lá vamos ter.

Disciplinado e pronto como um soldadinho, Arsène obedeceu e lançou-se a correr, desta vez em direcção à capela. Uma das freiras cobriu as feições com os lençóis, dizendo:

– Cada dia que passa, ele levanta-se mais cedo...

Entretanto, já a Madre Superiora se erguera do calor confortável da sua cama:

– É verdade. E, no entanto, devíamos aprender alguma coisa com o seu entusiasmo, não?

A irmã resmungou umas palavras maldispostas e incompreensíveis e virou-se para o outro lado. Entretanto, a Madre Superiora vestia o seu hábito, acompanhada de um grupúsculo mais desperto. Aos poucos, todas acabaram por se lhes juntar. Na capela, o menino ainda não rezara a totalidade das Laudes, simplesmente porque a sua leitura ainda consistia num lento assimilar do B-A-BA.

Após as orações matinais, Arsène engoliu o pequeno-almoço, arranjou-se para ficar bonito para a escola e foi apanhado por uma freira, que realmente o arranjou para ficar bonito para a escola. Com o mesmo entusiasmo com que batera os sinos (como se o seu espírito fosse um sino em movimento perpétuo), o menino mergulhou na frescura da manhã orvalhada. Livros em riste como escudos de uma armadura elaborada. Cabelos despenteados por não se terem aguentado dois segundos penteados. Um sorriso inquebrantável. Caminhou através de verdes pintalgados de urze, madressilva e hortelã... fragmentos de um

Éden que o Homem outrora possuiu mas que agora esquecerá. Mas Arsène lembrava-se desse Éden, ainda que nunca o houvesse visto. Foi assim que Arsène chegou até à aldeia de Champs-Élysées. Uma vez lá, deslizou pelos cinzentos da rua e pelos brancos das casas, como se aquela comunidade fosse apenas um prado e uma floresta de uma flora ligeiramente diferente. O seu destino era a escola... a qual era dirigida precisamente pelas Irmãs da Charité du Sacré Cœur.

– Delacroix! Preste atenção!

Foi assim que a irmã-professora despertou Arsène do seu mundo de sonhos, recambiando-o de novo para a sala de aulas. Era uma espécie de vingança tardia pelo prematuro serviço de despertar. Ela acercou-se do menino e viu-o a segurar o livro errado:

– Não estamos na aula de línguas, Delacroix!

– Estava só a acabar de ler esta história, irmã...

– Essa história só será matéria de aula no próximo trimestre... agora, quer fazer o favor de se concentrar na aula de matemática?

Arsène tinha-se distraído precisamente na altura em que a irmã-professora chamara um colega ao quadro para resolver um problema. Não se pode dizer que ele houvesse perdido alguma coisa de interesse, pois o colega já estava há um bom par de minutos à volta dos números, sem dar sinal de saber como responder.

– Ou então... o menino Delacroix pode vir ao quadro tentar responder ao problema que pus ao menino Leféline?

O rapaz encolheu os ombros. Não era grande punição. Marcou a página da história e pulou da cadeira para o chão. O tempo que demorou a chegar ao quadro não foi menor do que o tempo que ele demorou a colocar aquela gatafunhada de números em ordem, produzindo um resultado coerente e exacto. Depois, encaminhou-se de novo para o seu lugar, pulou do chão para a cadeira e retomou a sua calma leitura.

A irmã-professora sentiu-se um pouco desamparada. Ou

melhor, completamente perdida. Não sabia como conciliar o merecido castigo com o elogio que Arsène merecia de forma igual. Felizmente, a campainha salvou-a de ter de enfrentar um tal dilema:

– Acabou a aula. Vão... vão brincar para o recreio...

Desta vez, Arsène não obedeceu logo. Que grande maçada, nunca mais o deixavam acabar a sua história! Mas, com muito empenho, o menino conseguiu deixar-se ficar para trás o tempo suficiente para conseguir lograr o seu objectivo e atingir o último ponto final do último parágrafo. No entanto, apesar de tão audaz e meritória empresa, este atraso ser-lhe-ia fatal. Pois que, cá fora, já todos os meninos se haviam encerrado em grupinhos hermeticamente fechados. E o problema é que um desses grupinhos tinha um propósito ignóbil em mente. Porém, Arsène não tinha esperteza suficiente para o adivinhar quando o magote se aproximou:

– Oh, olá Narcisse! Queres brincar?

– “*Narcisse*”? Que confianças são essas? Para ti é *Monsieur Leféline*, se faz favor!

Arsène encolheu uma vez mais os ombros, como se aquilo que Narcisse lhe dissera não tivesse qualquer importância. Em boa verdade, para Arsène não era minimamente importante como se dirigia a alguém, desde que essa pessoa soubesse a quem ele se dirigia. Portanto, para o rapaz, aquilo era uma mera questão de semântica. Todos os presentes sabiam que ele estava a falar de Narcisse e isso bastava-lhe. Contudo, esta indiferença ainda atizou mais a ira do outro:

– É importante que não te esqueças! Sabes... é que todos nós temos nomes de grandes pais! Nobres! Ricos! E esses pais é que pagam para manter esta escola! E tu? O que é que os teus pais deram?

– As irmãs dizem-me que o meu Pai do Céu nos deu tudo!

Mas Narcisse ignorou-o, tal como uma pessoa sã ignora as palavras de um louco que não percebeu patavina da sua sanidade... ou então, tal como um louco ignora as palavras de uma pessoa sã que não percebeu patavina da sua loucura. Prosseguiu:

– Sim, senhor! Leféline é o meu nome! É um nome que impõe respeito em muitos reinos e principados. Um respeito que tu vais aprender e já!

Narcisse estalou os dedos. Imediatamente, os seus pequenos capangas atiraram-se sobre o pobre Arsène. Roubaram-lhe os livros e, começando pelo seu precioso livro de Línguas, lançaram-nos na lama. Mas o pior ainda foi terem-no subjugado com a sua vantagem numérica e terem aproveitado essa cobarde primazia estratégica para lhe arrebatarem as calças e as cuecas. Os maiores iam colocando as peças de roupa a uma distância inalcançável aos curtos bracinhos de Arsène (que, de resto, tinham de se revezar entre recuperar os bens roubados e ocultar as suas vergonhas). As calças e as cuecas foram enroladas numa bola que era atirada para cá e para lá, obrigando Arsène a uma dança humilhante. Enquanto isso, os outros iam rindo e apontando e chamando os outros para rirem e apontarem com eles.

– O nosso sangue é nobre e puro! – vociferava Narcisse – A minha mãe diz que tu és filho do Pecado! Mas tu não és filho de ninguém! Apareceste do nada, como um sapo num charco!

E os outros iam gargalhando uma cantilena odiosa, como apenas podem ser as cantilenas das crianças cruéis:

– Centavo! Farrapo! Sangue de sapo! Centavo! Farrapo! Sangue de sapo! – e as palavras iam-se repetindo e rodopiando num remoinho infinito que tudo sugava e esmagava contra o coração de Arsène – CENTAVO! FARRAPO! SANGUE DE SAPO!

Isto prolongou-se por todo o intervalo, até que os rapazes viram uma menina a afastar-se do recreio e a aproximar-se do edifício da escola. Eles sabiam quem era e o que pretendia. Chamava-se Christiane Bonchamps e ia chibar-se. Como se não bastasse, a campainha tocou. Pressentindo que a irmã-professora espreitaria à porta não tardaria nada, a turba infantil dispersou-se, fingindo que nada se passara, deixando Arsène a chorar junto das suas calças amarrotadas e dos seus livros estragados. Incapaz de digerir toda aquela frustração, sem saber como justificar à irmã o estado lastimoso das suas roupas

e dos seus livros, Arsène escapuliu-se para longe. Vendo-o a correr na direcção oposta à da escola, Narcisse ainda lhe gritou:

– Da próxima vez, não seremos tão meigos contigo, Sangue de Sapo...

Arsène acabaria por ser encontrado muitos minutos mais tarde, resguardado de olhares trocistas ou castigadores pela distância deformada de umas quantas colinas de Éden. As lágrimas não lhe haviam secado, mas prosseguiram caudalosas como um rio invernal. Mas a tristeza parecia ter secado no seu coração, na medida em que ele se ocupava agora de tarefas bastante mais construtivas. Acocorara-se na relva, desenhando no solo algo semelhante a runas mágicas, mirando fixamente o húmus rabiscado como se espreitasse numa bola de cristal, sussurrando palavras incompreensíveis que mais pareciam sortilégios e maldições. Nisso se entretinha quando foi encontrado.

Foi encontrado. Mas não por uma das freiras. Nem, convém dizê-lo, por ninguém adulto. Foi encontrado por uma menina loira, de uma graça e beleza incandescentes. Quando a sua presença se insinuou na consciência de Arsène, pareceu-lhe que toda a verdura do Éden murchara por comparação. As runas no solo deram lugar a gestos desengonçados. Os olhos videntes turvaram-se de um rubor inflamado. Os sortilégios mágicos cederam a balbucios sem nexos. Parecia que aquele feiticeiro encontrara uma feiticeira à altura, que o encantara e vencera. E, pior ainda, depois de o ter vencido, não ter desatado a gabar-se do seu triunfo, não ter desatado a pontapear o cadáver, mas ter respondido com um mero risinho infantil, como se ela própria tivesse sido a vencida.

Era Christiane Bonchamps, a mesma menina que acabara com o suplício do pobre Arsène ao procurar o auxílio da professora:

– Tu... tu estás bem?

Ele virou a face bruscamente, para ela não lhe reconhecer as lágrimas:

– Estou.

– O Narcisse ia fazer queixinhas porque tu estás a baldar-

-te à aula.

– Não volto lá...

Seguiu-se um silêncio que pareceu maior do que aquilo que realmente foi. Então, a menina tentou uma nova abordagem:

– O que estás a fazer?

– Estava a fazer um exército.

– Um exército? Onde? Como?

– Aqui! – e apontava para nada como se ali houvesse muita coisa – Aqui está o meu exército! Têm muitas espadas e lanças e flechas! E eles vão dar cabo do Narcisse e de todos aqueles que se riram de mim!

Calou-se. Ergueu-se subitamente. Afastou-se um pouco:

– Esquece! Tu deves pensar que eu sou esquisito...

Curiosamente, quando se voltou, não encontrou o olhar de escárnio que esperava. Era mais um olhar de curiosidade, numa cabeça ligeiramente inclinada para o lado, como a de alguém que procura focar uma imagem num vidro distorcido. E não olhava para Arsène, mas para o vácuo que ele apontara como se fosse o seu exército. Pouco depois, esse olhar de Christiane acendeu-se, como se ela subitamente tivesse visto alguma coisa onde não estava nada... como se ela tivesse visto precisamente aquilo que Arsène apontava. Sentou-se na relva onde ele se sentara antes e disse:

– Muito prazer, Senhor General! Não quer apresentar-me os soldadinhos do seu senhor? Trouxe-lhes rações deliciosas que eu própria fiz! – e estendeu ao Nada as mãos cheias de nada.

Agora era Arsène que olhava com curiosidade para Christiane, com a cabeça ligeiramente inclinada para o lado:

– Quem... quem és tu?

– Chamo-me Christiane. Christiane Bonchamps. Sou filha de um Marquês. E tu?

– Eu sou Arsène. Arsène Delacroix. E sou filho de... – calou-se uma vez mais. A menina compreendeu a sua falta de tacto e tentou remediar:

– Se tens um exército, então deves ser um rei, não?

– Nunca te tinha visto!

– Cheguei há uma semana... estou aqui apenas por uns meses, enquanto o meu pai trata de uns negócios. Mas acho que a turma não gosta muito de mim...

Arsène sentou-se. Corou e procurou dizer uma frase, que por vergonha não lhe saiu. Corou ainda mais por ter pensado como teria sido estúpido se tivesse dito essa frase. E foi precisamente aí que a frase lhe saiu:

– Eu gosto de ti.

Contudo, Christiane fingiu não o ter ouvido. Desta vez foi ela que se ergueu. Desatou a marchar, como se ela própria fosse um soldadinho:

– Vamos voltar para a aula, Arsène? Com todo o teu exército?

– Mas vou ser castigado por ter chegado tarde... e por ter as roupas e os livros neste desalinho!

– Mas depois do castigo podemos brincar juntos!

Subitamente, os medos de Arsène desvaneceram-se. Eram fumos negros que um anjo luminoso soprara para longe. Ele colocou-se em fila atrás dela e ordenou a todos os soldados que o imitassem, hierarquicamente organizados, em coortes e legiões imaginárias. Em seguida, Christiane, Arsène e todo o seu quimérico exército marcharam rumo à escola. A sua missão já não era fazer guerra a Narcisse, mas muito mais meritariamente fazer a paz com a professora.

Os meses que se seguiram foram um oásis na infância de Arsène. Todos os dias, durante o recreio ou após as aulas, Arsène e Christiane iam a correr para longe dos seus colegas para um mundo paradisíaco de brincadeiras e felicidade. O rapaz mostrou-lhe todos os seus recantos secretos, onde ele se refugiava para destilar as suas emoções ou para rezar. Tiveram muitas aulas descalças de Biologia nos regatos, ou aulas enlameadas de Zoologia nas tocas escondidas dos bosques. Leram um para o outro todas as histórias do livro de Letras. Certa vez, o rapaz conduziu a sua amiga pela mão até às videiras de champanhe, apresentou-a aos camponeses e juntos fizeram as vindimas. Noutra dia, as desfolhadas. E ainda as ceifas.

Christiane aprendeu a assobiar todas as canções populares das lavradoras.

Foram tantos dias de felicidade, que pareceram verdadeiras eternidades, como se o Céu já houvera chegado àquelas bem-aventuradas almas puras de coração. Havia uma coisa que entristecia Arsène, o deixava desconfortável e, simultaneamente, o preenchia com uma alegria indescritível... por vezes, sem qualquer explicação, encontrava Christiane a olhar para os seus olhos negros. Sem dúvida que Arsène gostava muito dos lindos olhos azuis de Christiane, mas nunca desatava a admirá-los como se fossem pedras preciosas no expositor de uma ourivesaria. Era um comportamento que ele achava profundamente irracional... mas também não se queixava muito. O que Arsène não sabia (e que qualquer um dos seus colegas poderia confirmar, se não estivessem todos cegos por uma tão grande hostilidade) é que os seus olhos negros tinham uma qualidade inexplicável, que atraía os olhares dos outros como as moscas para a chama. Não era beleza, não era hipnose, nem uma mera atracção física... era algo mais profundo, sobrenatural, que não se pode transmitir por palavras.

Todavia, tanto os dias de felicidade, como as brincadeiras, como os olhos de Christiane nos olhos de Arsène, tudo... estava destinado a acabar. Um dia, um homem veio buscar a menina. Era um homem elegante como um nobre, modesto como um camponês. As suas roupas eram de rico, mas os seus olhos azuis eram os de Christiane. Ela lançou-se às suas pernas, abraçando-as com a mesma paixão que devotava aos olhos negros do amigo. O homem pegou na mão dela e acercou-se do rapaz. Então fez-lhe algo que na vida nunca lhe tinham feito. Um quadro impossível e inédito. Uma vénia. Uma vénia da parte daquele senhor tão distinto. Uma coluna recta, adulta e inquebrantável como um carvalho gigante acabara de se curvar diante do ser mais desprezível da aldeia:

– *Merci beaucoup, Monsieur Delacroix*, por ser amigo da minha filha...

Anos mais tarde, Arsène não se lembrava das despedidas,

nem das lágrimas de Christiane, nem de outras tantas cenas que lhe trouxeram mais dor do que todas as patifarias de Narcisse. Lembrava-se apenas das duas silhuetas a afastarem-se lentamente rumo à total ausência.

II

Arsène brandiu o brandy na sua mão e disparou uma gargalhada seca e vazia:

– Por onde andará aquela diabinha?

Já nem se recordava do nome dela... tinha sido há tanto tempo! Um *flash* de luz no meio de tantos anos de tão grande escuridão! Depois de ela se ter ido embora, já nada o protegeria dos maus-tratos de Narcisse Leféline nem dos outros nobrezinhos que incubavam na escola de Champs-Élysées. E o Éden, que murchara diante de Christiane, nunca mais regressou ao espírito do rapaz. Ele ia refugiar-se no regaço da Madre Superiora e das outras irmãs... mas adultos não conseguem satisfazer as necessidades de companheirismo de uma criança.

Arsène crescera em sabedoria e estatura. Mas não foi apenas isso que cresceu. Também uma grande dor crescia na sua alma, como um tumor que o consumia. Crescia exponencialmente, sem limites. Afinal de contas, o que é o Inferno senão dor? E o que é o Inferno senão uma eternidade, um túnel sem luz no fim, um “*para sempre*” sem esperança? A cada hora, a cada partida, a cada dia, a cada sova, a cada mês, a cada humilhação, a cada ano, a cada malfeitoria, Arsène orava fervorosamente para que houvesse um fim àquele sofrimento. E depois, Arsène

alimentava uma grande esperança de que aquela tivesse sido a última partida, a última sova, a última humilhação, a última malfeitoria da última hora do último dia do último mês do último ano de suplício. Esperança em vão. Hora após hora após hora, dia após dia após dia, mês após mês após mês, ano após ano após ano, partida após partida após partida, sova após sova após sova, humilhação após humilhação após humilhação, malfeitoria após malfeitoria após malfeitoria... uma eternidade foi-se gerando no coração de Arsène.

Até que ele puramente desistiu de esperar. E abandonou a esperança sempre que entrava num novo minuto.

Por vezes a dor era tanta que Arsène pensava que ia morrer. Que o seu coração simplesmente abdicaria de bater. Ou então asfixiaria num pântano venenoso de azedume. Outras tantas vezes, Arsène pensava que ia enlouquecer. Ou que já enlouquecera. Que uma mente seria incapaz de se manter racional no meio de tanta irracionalidade e, sobretudo, da irracionalidade de toda aquela existência fútil. Chegou a haver ocasiões em que Arsène chegou a conceber que nada no Universo existia tirando uma espécie de bolha de pesadelos, concebida para atormentar pelos séculos dos séculos, como se ele já estivesse a pagar pelos crimes de alguma vida anterior.

Agora, no Presente, em que ele era um homem adulto despertado de um mau sonho, ele apenas era incapaz de recordar tamanha dor porque se encontrava anestesiado pelo álcool e pelo Tempo que transcorreria. Mas recordava-se. De alguma maneira. Não na intensidade, mas na forma. Não desaparecera. Cicatrizara, apenas. Ele sabia que eram essas as causas dos seus pesadelos, como aquele que acabara de acordar. Traumas de infância mal resolvidos, como o seu psicoterapeuta lhe explicara tão bem em termos tão complexos e tão freudianos.

Ergueu-se do seu cadeirão para arrumar na estante o livro de poesia. Afinal de contas, o seu coração atribulado já ia sossegando. Apenas teria que enfrentar o medo das trevas que envolviam o seu quarto e, muito em breve, poderia regressar ao sono do seu leito. Tinha de estar bem descansado, porque a

madrugada que se avizinhava era a manhã de um grande dia.

Mas, enquanto guardava o livro, o olhar de Arsène trespassou o bordo do livro vizinho. Ele sorriu de nostalgia. Lembrava-se de o ter comprado. Era uma tese de um tal Professor De Riën. “*Do pragmatismo*”. Uma tese intelectualmente estimulante, sem dúvida... Mas não fora por causa disso que esse livro encontrara um lugar na estante de Arsène. Até porque ele considerava a tese um pouco ridícula. A compra desse livro devera-se mais a uma ligação ao Passado. É que o jovem travara um encontro com esse professor, há muitos anos atrás...

Arsène deveria ter uns doze anos quando aconteceu. Naquela altura, espremido até ao ponto da exaustão da alma, sentiu-se esmagado entre duas escolhas: ficar e morrer, ou fugir e ter uma hipótese de viver. Como uma lebre perseguida por uma raposa não pergunta ao seu medo a direcção... também Arsène não pensou bem nas duas alternativas e seguiu simplesmente aquela que era tão natural como o curso de um rio turbulento empanturrado pelas águas de uma tempestade. De cabeça quente, tomou a resolução de partir para sempre de Champs-Élysées. Assim procedeu... ou assim tentou.

Volvidas algumas horas de caminhada, ele alcançou a cidade vizinha de Reims. Esta era verdadeiramente uma cidade, embora não fosse uma cidade grande. Reims era a capital do pequeno ducado de Domrémy (onde também se encontrava Champs-Élysées). Como se tratava de uma nação minúscula, também a sua capital o era. Porém, para um rapaz do campo, que nunca vira casas com mais de dois andares e que nunca vira estradas mais longas que três entroncamentos... aquela era uma urbe tão populosa como a China ou tão espectacular como Paris. Foi aqui, em Reims, que Arsène encontrou o Professor De Riën. Mas antes do encontro propriamente dito, ele deparar-se-ia com uma cena que chamou a sua atenção.

Ao atravessar um pequeno jardim público, ouviu um gemido muito baixinho e muito fraquinho. Olhou para baixo e viu que se tratava do piar de uma cria de pássaro. Parecia ter acabado de eclodir do ovo, tão minúscula e careca era. Mas caíra do seu

ninho, do alto de uma das árvores do jardim. Provavelmente, os seus progenitores não saberiam dela... e mesmo que soubessem, não teriam engenho suficiente para a recolocar no sítio devido. Por algum motivo, Arsène sentiu-se espelhado no sufoco daquela pequena e indefesa ave.

Arsène viu também que se aproximava um gato, atraído pelos pios aflitos do bicho, com os bigodes trémulos de antecipação pelo banquete que o Destino lhe servira. O espírito do jovem encheu-se de revolta. Num ápice, lançou-se a correr atrás do felino, escorraçando-o para longe. Em seguida, Arsène pegou gentilmente na ave, como se esta fosse o tesouro mais precioso do mundo. Trepou o tronco e esticou-se o mais que pôde, até devolver o passarinho ao seu lar seguro no topo da árvore.

– Deplorável! Um acto absolutamente deplorável!

Arsène voltou-se para conhecer a proveniência da voz. Quem falara fora um senhor relativamente idoso, que o observava desde um banco de jardim. Os seus olhos eram pequenos como os de uma toupeira... e ainda menos visíveis por se esconderem por detrás de umas lentes grossas e espessas como âmbar transparente. Um chapéu escondia-lhe a calvície, um sobretudo a gordura, um fato a baixa estatura, o discurso o pigarro.

– Rapaz! Que ideia foi essa?

– Está a falar comigo, *monsieur*?

– Não, rapaz! Estou a falar sozinho porque sou um velho senil! É claro que estou a falar contigo! Estou-te a perguntar: porque fizeste isso?

– Porque fiz o quê?

– Santa paciência! Eu percebi logo que eras parvinho! Afinal de contas, não és lá muito pragmático.

Com um esforço reumático e pesado, o senhor levantou-se do banco de jardim e arrastou-se para junto de Arsène:

– Vê lá se aprendes isto, rapaz! Nunca serás um homem se não te tornares mais pragmático! Serás sempre um capacho de elites manipuladoras, a quem supostamente terás de ser submisso por causa dos seus títulos ostensivos e supérfluos.

– Não o percebo, senhor!

– “*Senhor*”, não! Professor! Professor De Rién! Não andei a estudar anos na Sorbonne para ser assim tratado!

– Peço imensa desculpa, senhor. – estendeu-lhe a mão – Arsène! Arsène Delacroix!

O professor fingiu que não viu o cumprimento e prosseguiu o seu discurso:

– Que instrução tens, rapaz?

– Fui educado no colégio das Irmãs da Charité du Sacré Cœur! Em Champs-Élysées!

– Ah! Eu logo vi! Essa cabecinha deve estar cheia de tretas obscurantistas! É óbvio que essas fulanas nunca te ensinaram nada sobre Darwin! Provavelmente, ainda te ensinaram que o Mundo apenas tem 6.000 anos.

– Não, meu senhor. Elas ensinaram-me que a Terra tem biliões de anos e que Darwin formulou...

– Não estou interessado em saber as fábulas que elas andaram para aí a inculcar-te nesse cocuruto! Não quero saber de velhos mágicos invisíveis no céu, tal como não quero saber de unicórnios ou de monstros voadores de esparguete ou de qualquer outra coisa que não se veja! Agora vem comigo que vou mostrar-te...

Arsène obedeceu, resmungando imperceptivelmente:

– Eu não acredito em unicórnios... você é que acredita em freiras que eu nunca vi.

– Agora olha para aquela cria de *Corvus corax* (i.e. aquilo que vocês, leigos, chamam de “*corvos*”). O facto de ter caído do ninho de forma tão desastrada significa que se trata de um espécime com certas incapacidades. Incapacidades que ele transmitirá à sua descendência caso consiga sobreviver o suficiente para acasalar. Em sùmula, o espécime em questão trata-se de um fardo para toda a sua espécie. Por isso mesmo, a Natureza encarrega-se de eliminar estes espécimes através de um mecanismo de selecção natural... i.e. o *Felis silvestris catus*, i.e. o gato que tu afugentaste.

Arsène sabia tudo isto dos livros, mas começou a sentir uma ansiedade no seu íntimo. Começava a perceber as censuras do professor. E, embora se mantivesse certo da justiça do que

fizera, começou a sentir algumas dúvidas. Afinal de contas, a sua cabeça ainda não assentara bem o caos que o impelira a fugir de casa. Entretanto, o Professor De Rién continuou o seu solilóquio universitário:

– Estás a ver, rapaz? Isto é que é Darwin! E este é que foi o teu erro! Deixares-te dominar por sentimentos irracionais que, no final, acabarão por ser contraproducentes! Pragmatismo, rapaz! Temos de ser pragmáticos!

O jovem olhou para o cimo da árvore, onde a pequena ave chilreava agora de puro deleite... o deleite que qualquer criatura sente quando redescobre cada cantinho do seu ninho após uma experiência de morte. Sabendo que aquele magnífico trinar nunca teria nascido sem a sua intervenção heróica, Arsène retorquiu resolutamente:

– Ainda estou convencido de ter tomado a decisão certa!

A frustração do Professor De Rién era tanta, que ele apenas não arrancou os cabelos porque não tinha cabelos na cabeça para arrancar. Teimosia insolente! Como se atrevia aquele ca-traio a recusar beber daquela fonte de sabedoria que era ele?! Espumando de raiva, o catedrático rosnou:

– Claro que estás convencido disso! Essas freirinhas encheram-te a cabeça de disparates! Nem sequer te dás conta de como a tua ausência de pragmatismo torna inúteis todos os teus esforços, por muito fúteis ou estúpidos que sejam! Ou julgas que salvaste o passarinho?

– O que quer dizer, senhor?

– Pensa, rapaz, pensa! O ninho do *Corvus corax* está no topo da árvore! Tu podes trepar a árvore para recolocar a cria no ninho! Mas o *Fellis catus* também sabe trepar árvores! Se bem conheço os seus instintos predatórios, de certeza que ele está por aí, à espera que te vás embora, para poder retomar o seu banquete! Tu, tu nada fizeste senão adiar o inevitável! Tu não resolveste problema nenhum!

Agora é que as certezas de Arsène vacilaram. E, com elas, todos os alicerces do jovem. Um terramoto propagou-se a partir do epicentro na sua alma e estremeceu todo o seu corpo. O

sorriso fresco e espirituoso de Arsène desabou como as paredes de uma casa antiga submetida à fúria da Natureza. No seu pensamento, via o raio do gato a voltar para terminar o seu crime... aquele mesmo crime que o enfurecera tanto momentos antes... e Arsène era agora impotente, jurado e testemunha vã de um assassinio ignóbil... a ira voltou, pouco a pouco, fervendo-lhe em todos os membros e no peito. E esta tempestade que lhe ia na cabeça soprava sobre as certezas de Arsène, fazendo-as vacilar ainda mais e alimentando este círculo vicioso que consumia todo o seu Ser como um redemoinho tropical. Apercebendo-se que, finalmente, as suas palavras surtiam efeito, o Professor De Rién reforçou:

– Tu não salvaste ninguém!

Satisfeito com a sua vitória retórica, o Professor De Rién retirou-se novamente para o seu banco de jardim, trono doirado de torre de marfim, do cimo do qual ele julgava todos os pobres e ignorantes mortais, eternamente destituídos da chama sagrada das suas ideias. Daí, ele sentenciou, qual divindade do Destino:

– Pragmatismo, rapaz! Se quiseres tornar-te um homem, ouve o que te digo! Pragmatismo!

Mas Arsène já nem o ouvia. Limitava-se a cambalear para longe dali. Tinha o espírito numa confusão tal, que só a voz longínqua do professor lhe causava vômitos. Afastou-se o mais que pôde daquela aura nefasta, mas aquele velho peçonhento já lhe inoculava o seu veneno no sangue. Não podia fugir da náusea, da cólera, da frustração, da impotência... tudo isso fazia agora parte dele e ele não podia fugir de si próprio, por muito que quisesse. Arsène percebeu a sua ilusão: sentia-se capaz de tudo, quando não era capaz de nada. Peso insustentável, quando um Tudo é esmagado até se tornar Nada! Fora o que o professor lhe fizera... e tinha toda a razão... Afinal de contas, ao olhar para o lado, Arsène pôde ver perfeitamente o gato, escondido num arbusto, contemplando-o atentamente com os seus olhos viperinos, lambendo demoniacamente os beiços.

Aí, as palavras do professor explodiram dentro de Arsène. Regressou-lhe o caos que lhe toldara a mente quando fugira

do convento... regressou-lhe o caos e toldou-lhe a mente uma vez mais. Raciocinando sem raciocinar, ele pegou numa pedra do caminho e arremessou-a ao gato, esperando espantá-lo para mais longe, enquanto, simultaneamente, desabafava alguma da sua ira naquele acto violento e fútil. Só que esse “*acto violento e fútil*” teve um efeito imprevisto. É que a pedra voou tão rapidamente que acabou por atingir realmente o felino, ferindo-o no flanco.

Um arrepio percorreu toda a espinha de Arsène, à medida que os mios lacerados do gato afogavam o trinar feliz do corvinho. E agora? O que fizera? Como fora capaz? E, sobretudo, o que deveria fazer? E agora? E agora? Oh, como é que isto aconteceu? A confusão possuiu-o, como um demónio. As suas mãos, trémulas e suadas, acudiram ao animal. Mas o pensamento, o pensamento insuportável do gato a devorar o passarinho, como era possível tamanha crueldade? Não tinha sido tudo aquilo merecido? Teria sido justiça? Não, aquele bicho desprezível não merecia compaixão, tal como não mostrara qualquer compaixão...

Quando recuperou do choque, Arsène percebeu que, no decurso do seu transe, as suas mãos enfermeiras se haviam metamorfoseado em algozes. O gato jazia agora no seu colo, de pescoço torcido. Imobilizado pela dor, não tivera escapatória. Do seu focinho esvaía-se um fiozinho de sangue que a terra bebia, do seu focinho evaporava-se o último sopro de vida que o ar absorvia.

Horrorizado, como se tivesse sido outra pessoa a cometer aquele acto hediondo, Arsène recuou uns passos. Fugiu. Tinha de fugir! Era perseguido pelos olhos baços e vazios do gato. Como uma voz sem corpo que o acusava com um dedo invisível que lhe trespassava o coração como uma lança bem real. A voz escorraçava-o. A Arsène restava-lhe apenas fugir. Expulso pela própria consciência, fugiu até sair do jardim. Uma vez na estrada, deu de caras (um valente encontrão, diga-se!) com uma carroça que o aguardava pacientemente... não era apenas a voz incorporada que o perseguia...

Nas rédeas da carroça vinha Joseph, um camponês seu co-

nhecido. Ao seu lado, a Madre Superiora. Tendo-se apercebido da ausência de Arsène, haviam percorrido todo o Champs-Élysées à sua procura. Não o tendo encontrado aí, rolaram a toda a velocidade para a povoação mais próxima. E precisamente ali o descobriram, ofegante e um pouco louco:

– Meu filho, porque nos fizeste isto?! – perguntou, chorosa, a Madre – Andávamos todos à tua procura, cheios de aflição!

Arrefecendo um pouco as ideias, Arsène apercebeu-se de tudo o que sucedera, incluindo do encontrão com a carroça. Tentou rapidamente disfarçar o seu arrebatamento (o que o rubor das suas bochechas ou a violência da sua respiração não permitiam):

– Porque me procuravam? Não sabiam que eu sei tratar de mim muito bem?

Depois de um breve resposno, Arsène subiu para a carroça, para ser levado de volta. Apesar de se mostrar contrariado, não havia dúvida de que estava bastante aliviado! Afinal de contas, toda aquela situação permitira-lhe escapar dali com a cara limpa e o orgulho apenas ligeiramente tocado! Agora podia respirar fundo e esquecer tudo o que se passara! Havia, porém, uma sombra sobre a sua cabeça que lhe causava algum frio na alma e que não mais o deixou, embora ele tivesse acabado por se habituar a ela, olvidando a sua presença constante...

Entretanto, o Professor De Rién, que tudo presenciara, ergueu-se do seu banco e acercou-se do cadáver do gato. Pontapeou-o, certificando-se do óbito do felino. Olhou para a silhueta do rapaz, desbotando-se na distância, com um misto de admiração e respeito. Aquele sábio, aquele doutor, estava maravilhado com a sabedoria do menino:

– Ora, muito bem! Agora, sim! Agora, resolveste efectivamente o problema! Ainda há esperança para ti! Ainda há-de tornar-te um homem pragmático!

À medida que todas estas personagens se afastavam, um bando de corvos esvoaçou para ali, atraídos pelo odor a carne fresca. Indiferentes às implicações filosóficas de toda a cena, os bicos ávidos banquetearam-se com os despojos do gato morto.

Numa noite de tempestade, um recém-nascido é abandonado às portas de um mosteiro de uma ordem contemplativa. No momento em que a encontra, a Madre Superiora vaticina à criança um destino tremendo: o rapaz far-se-ia homem e tornar-se-ia um grande profeta, que impediria a vinda iminente do Anticristo... e o Apocalipse que se seguiria.

Mas, à medida que o rapaz se fazia homem, foi-se confrontando com as verdadeiras implicações desse destino. Pois que, com esse dom, vinha também uma terrível maldição...

Até que, um dia, uma personagem desconhecida chega à vida do rapaz feito homem...